

SUSPIROS
DESENTRANHADOS PELA DOR,
QUE
JUSTAMENTE PENETRA NOS CORAÇOENS
DOS SOCIOS DO THEATRO
DO SALITRE,
NA MORTE
DO ILLUSTRISSIMO , e EXCELLENTISSIMO
SENHOR

D. JOSE' THOMAZ
DE MENEZES,
SEU PROTECTOR
OFFERECIDA, E DEDICADA
A' MESMA SOCIEDADE.



POR
JOAQUIM JOSE' DE SANTA ANNA
ESBARRA.

(✱)

LISBOA:

Na Offic. de JOSE' de AQUINO BULHOENS.

Anno de 1790.

Com licença da Real Mesa da Commissão Geral sobre o Exame, e Censura dos Livros.

SUSPIROS

DESENTIANDOS PELA DOR

DESENTIANDOS PELA DOR

DOS SOGROS DO TERTIÃO

DO SALTIRE

DO SALTIRE

DO SALTIRE

SEI HOR

D. JOSE THOMAS

DE MENEZES

SEU FOTOGRAFIA

SEU FOTOGRAFIA

A MESMA SOCIEDADE

POR

BOGUMILOS DE SINTA LINDA

BOGUMILOS DE SINTA LINDA

(R)

FISBOA

FISBOA

FISBOA

Que todos os dias...

no 1º de Janeiro de 1864

SENHORES
DA
INCONSOLAVEL SOCIEDADE
DO THEATRO
DO SALITRE.

N Em os rasgos da minha penna , nem todas as vozes da Fama , são bastantes para publicar , inda aos vindouros , as incomprehenfíveis mostras de sentimento , com que V. merces se tem feito distinguir na sempre lamentavel morte do Illustrissimo , e Excellentissimo Senhor D. JOSE THOMAZ DE MENEZES , não só com as importantes Exequias , e outras custosas demonstraçoens , mas também com os proprios dias , em que successivamente trocaraõ em funesto pezar o costumado divertimento do Theatro ; açcaõ esta , que só he digna de immortalizar-se ; além dos retumbantes suspiros , que desentranbados dos penozos coraçõens de V. merces , vaõ rompendo a Esfera envoltos em mil sentidos , e magoados clãmores : estas provas , nem firaõ basejadas com a lisonja , nem perideraõ o merecimento por apparentes ; antes de todos tem sido louvavel a perpetua duraçaõ , com que V. merces eternizaõ a pena da falta de hum tão preciavel Protecõor

§ ii da

da grata Sociedade, ficando entregue á solidão
o Camarote daquelle Heroe, que mereceo no
Templo da Memoria ter erigidos Padroens.

Mas, Senhores, eu conheço ser justo o pe-
zar, que em V. merces existe, eu os acompanho
na dor, e só hum coração gerado no abismo da
tirania deixará de ser penalizado em taõ des-
graçada scena; porém fique por nossa consola-
ção, a lembrança de que existe em paz gozan-
do o premio das virtudes, de que era ornado,
aquelle bom Menezes: e o mesmo Senhor; que
tudo sabe, derrame sobre V. merces aquella
graça precisa, para que á vista do mesmo que
agora choramos, o louvemos.

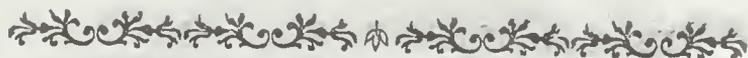
Beija as mãos a V. merces

seu Venerador

Joaquim José de Santa Anna Esbarra.

O ser fastidiosa não embarga,
Que he difficil chorar-se em pouco tempo,
Huma pena taõ grande, e taõ amarga.

ELE-



ELEGIA.

N Aó tomo como alguns ligeira penna
 Para ornar com os eccos lizonjeiros
 A mizera desgraça a triste Scena:

Quero fim com clamores verdadeiros
 Fazer patentear pelo Universo
 Os suspiros da magoa companheiros;

Que homem haverá por mais perverso ,
 Que não chore , e lamente a desventura
 Quando ás mãos lhe chegar meu rude verso

Qual ha de ser no Mundo a Creatura,
 Que deixe de escutar meu terno pranto,
 Que deixe de sentir pena taó dura.

E tu , Muza, que o Louro, e Amarantho
 Cingiste com prazer na nivea fronte,
 Acompanhando das Irmans o canto.

Deixa as insignias do Parnazo Monte
Depoem, depoem a magestosa veste,
Foge ás delicias da Aganipea Fonte.

De negras roupas funebre Cipreste,
Adorna-te, e commigo em companhia
No sitio habitaremos mais agreste.

Procuramos lugar, onde a agonia
Seja nossa perpetua companheira,
Onde mais não vejamos luz do dia.

Subamos escarpada ribanceira,
De donde ver possamos o Tyranno,
Que augmentou nossa pena verdadeira.

O impio Tejo observarás, que ufano
Querendo ter das Parcas preferencia,
Faz alarde total do nosso damno:

Esse Monstro de horror, e de inclemencia
Com Atropos, e Eolo disputando
Sobre o Heroe vencido na pendencia:

Er-

Erguendo a vóz , as barbas encrespando
 Dirá que foi seu braço affaz potente ,
 Quem nos deo hum pezar taõ execrando.

Dirá que motivou na luza gente
 Amaior das maiores agonias ,
 Das dores huma dor a mais vehemente.

Que a todos despojou das alegrias ,
 Que servio de verdugo aos Portuguezes
 Deixando-lhe restar funestos dias.

Que vendo a Excelsa Prole dos Menezes
 Ser em tudo bem vista , e decantada
 Gloria dos Timbres , gloria dos Arnezes.

A par do Luzo Throno respeitada ,
 E junto aos Extranjeiros Diademas
 Por heroicas acçoens eternizada.

Que já mais variaraõ dos sistemas ,
 Que tinhaõ seus Reaes Progenitores ,
 Observando as liçoens destes emblemas.

Ser-

Servindo ao Rei , a Deos dando louvores
Aos pequenos fazendo mór gazalho,
Effeitos dignos de Almas superiores.

Já mais pôde por grande algum trabalho ,
Quitar-lhe a occaziaõ , privar-lhe o intento,
Nem o poder do Sol , Chuva , e Orvalho :

Dirá por fim , ó Muza , esse instrumento
Da maldade , vileza , e da impostura ,
Esse torpe , esse infame fraudulento.

Que elle foi , mas que digo , oh desventura !
Foi quem pôde roubar aquella vida ,
Que a tantas tem levado á sepultura.

Elle foi quem na noite defabrida
Pode offuscar a Luz do Ethereo Santo ,
Empolando a regencia humedecida.

Elle pôde valer com Eolo tanto ,
Que fez foltar os ventos rugidores ;
Chegar as Ondas ao azulado manto.

Fez

Hez Lácherfis vibrar crueis furores
Contra aquelle José, de quem a Fama
Decanta em feu abono mil louvres.

Aquelle, que alcançou florida rama,
Aquelle cujo nome se conserva,
Aquelle por quem pranto se derrama:

Aquelle, que na Escola de Minerva
Foi desde a tenra infancia distinguido
Por sabio, piedoso, e sem reserva.

Aquelle bom Menezes escolhido
Novamente do Author da Natureza,
Para valer ao pobre, ao affligido.

Aquelle, que por toda a redondeza
He conhecido, e ha de ser chorado
Como Cezar, e Tito na grandeza.

Deixa, Muza, não tenha o Monstro irado
Avidade dever que o attendemos,
Que vamos a escutar seu fero brado.

Ao seu jazigo, oh Muza, caminhemos,
E ali com a dor, magoa, e desdita
De terno pranto as cinzas banharemos.

Ali veremos a Viuva afflicta,
Praguejando o rigor do Tejo avaro,
E pedindo vingança á mão bemdita.

Ali farás, oh Muza, o mor reparo
Chegando o desvalido pertendente,
Chorando a falta de hum José preclaro.

Verás como se curva o indigente
Desentranhando á força do suspiro
Dos olhos a mais livida corrente.

Olharás para o lado, e n'um retiro
Ancião Magestoso, hirás pensando,
A quem tenras crianças fazem giro.

Com soluços as vozes misturando
Dirá: perdemos, filhos meus queridos,
O Pai, o Bemfeitor, que estou chorando.

Muza, hiremos ouvir ternos gemidos,
Da Orfãa, da Donzella virtuosa,
E de outros por seu braço protegidos.

Outra Scena mais triste, e Lutuosa,
Que move a compaixão ás mesmas penhas,
Que faz a natureza affás pasmosa.

Hiremos escutar nas toscas brenhas
Gritarem effes rudes Montanhezes,
José, José, no Céu descanso tenhas.

Escutaremos, Muza; immensas vezes
O Povo lamentar nas romarias
A perpetua saudade dos Menezes.

Ouviremos dizer troncou seus dias
A impia mão da deshumana Morte,
Esse a sombro de horror, e tyrannias.

E para ministrar melhor o Corte,
Buscou o Tejo onde disfarçada
Nos cauzou a seu salvo o damno forte.

Ah

A' Muza , como afficta , e confternada
Te vejo já com rofto macilento ,
Entre pranto , e foluços fuffocada !

Naõ definaes , ó Muza , cobra alento ,
Que agora he que começa a fer penofo
O noffo defabrido fentimento.

Vamos , vamos a ver hum Pai faudofo.
Pela perda de hum filho , que só era
Quem fazia o feu nome mais honrofo.

Pai , que em lance fatal fe naõ altera ,
Antes erguendo as mãos ao Céo Divino
Outro golpe maior contente espera.

Efta acção , que de hum peito genuino
Dá provas de valor , e de conftancia ,
Fez de novo irritar-fe o Monftro indino.

Ao Reino naõ baixou da ignorancia
Mas fim tomando a foice defabrida ,
Descarregou o golpe com mais ancia.

Na Excelsa Condêça esclarecida
Irmãa do bom José, que lastimamos,
Que depena perdeu a propria vida.

Muza minha, querida Muza, vamos
Ver outra sem igual penalidade
Maior que todas quantas contemplamos.

Nesta Urna fatal da variedade,
Veremos do Salitre a companhia
Envolta entre mortal anciedade.

Balbucentes vozes noite, e dia
Lamentaráõ aquelle Heroe famoso
Que tanto os amparava, e protegia.

E para que seu nome glorioso
Fique entre os mortais eternizado
Inda mais do que Eneas foi piedoso.

Vamos ao Monumento onde occultado
Se fez aos nossos olhos o primeiro,
Que mereceo nas Artes ser prendado.

Ali

Ali lhe deixaremos hum letreiro
Que Epitafio será por onde o rude
Se fará seu eterno pregoeiro :

„ Aqui jáz quem no Templo da virtude
„ Se acclamou o maior dos Portuguezes ,
„ Sem que o Tempo immortal seu nome mude
„ Por ser Fruto do Tronco dos Menezes.

SONETO.

E Ste que jáz metido em campa fria,
Ligeiro caminhante, este he Menezes,
O Heroe que nos fastos Portuguezes
Ser mais do que immortal lhe pertencia.

Naõ porque destruiu em hum só dia
Mil Elmos, mil Escudos, mil Arnezes
Mas porque soube ornar-se immensas vezes
De hum genio bem feitor, de hũa alma pia:

Nelle pois toma exemplo, a Deos procura,
Que o mundo nada tem de realidade,
E só na Gloria ha bem que sempre dura:

Caminhante, pondera esta verdade,
Que a vida he breve, a morte he mais segura
E a morte naõ distingue qualidade:

SONETO.

È che que' sì toglie un' alma sua,
E ligna un' alma, che in l' alma sua
O' haue que' sì l' alma sua
Per non de' que' sì l' alma sua.

Ma' por que' d'istruir in l' alma sua
Mi' alma, mi' alma, mi' alma sua
Ma' por que' d'istruir in l' alma sua
De' l' alma sua, de' l' alma sua.

Ma' por que' d'istruir in l' alma sua
Mi' alma, mi' alma, mi' alma sua
Ma' por que' d'istruir in l' alma sua
De' l' alma sua, de' l' alma sua.

Ma' por que' d'istruir in l' alma sua
Mi' alma, mi' alma, mi' alma sua
Ma' por que' d'istruir in l' alma sua
De' l' alma sua, de' l' alma sua.